





Dar a Vida com Propósito

*Dar a Vida
com
Propósito*

ALFREDO ROSENDO MACHADO

Março de 2008

letras d'  uro



Título Dar a vida com propósito

Autor Alfredo Rosendo Machado

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com a indicação da fonte.

Março de 2008

Letras d'Ouro, editores

Rua Quinta da Flamância, N°3 – 3°Dt°

Casal do Marco

2840 – 030 Aldeia de Paio Pires

Telefone: 210 878 323

livros@letrasdouro.com

Impressão e Acabamento

SIG, Sociedade Industrial Gráfica, LDA

1ª Edição

Depósito Legal 272801/08

ISBN 978-989-95349-6-4

Capa e Paginação

Pedro Martins

Ilustração

Marialinda Martins

Preparação do Original

Dr. José Manuel Martins

Todos os trechos bíblicos citados foram retirados da Bíblia Sagrada, traduzida por João Ferreira de Almeida – Edição Revista e Corrigida – Copyright da Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

Nota Editorial

1. O pastor Alfredo Rosendo Machado é autor de uma vasta obra que granjeou grande reconhecimento no universo cristão evangélico e com a qual conquistou a admiração de muitos leitores.

Publicámos, até agora, várias obras de autores portugueses, e queremos continuar a insistir na edição doutras escritas por aqueles que, durante décadas, serviram a causa do Mestre, particularmente como pastores e ensinadores, não escondendo, por isso, que esta oportunidade corresponde à concretização de um objectivo que há muito perseguíamos de ter também ARM no rol dos nossos autores.

Queríamos fazê-lo com um assunto novo, não tanto ligado à exposição doutrinária ou teológica, quiçá publicar as suas memórias, que antevemos como um contributo necessário para melhor compreensão da implantação e desenvolvimento da evangelização pentecostal em Portugal. Não sendo isso possível, por ora,

de certa maneira trazemos a lume um trabalho de ARM que se enquadra nesse nosso objectivo, o que os leitores decerto confirmarão.

Com efeito, a obra assenta na divulgação de três histórias da vida real, cada uma delas ocorrida na sua época e contexto histórico, que, outrora e por outros meios, já se tornaram públicas.

Importante é que o objectivo de ARM não é tanto abordar ou aprofundar este ou aquele tema mais dúbio, obscuro ou discutível no âmbito da doutrina e teologia cristãs, mas algo de crucial importância, que às vezes é obnubilado, e que se descobre facilmente no decorrer da leitura, que é fácil, emocionante e atractiva, cuja matriz se destaca em cada uma daquelas histórias: a substituição vicária de Cristo, a revelação do incomensurável amor de Deus aos simples de coração e a coragem de confessar o nome do Senhor, entregando a própria vida.

2. Não são, hodiernamente, muito comuns os exemplos de amor maior, ou seja, o de dar alguém a sua vida pelos amigos, de amizade sem limites de dar a vida pelo outro (não falamos dos que a dão por causas egoístas, quer sejam pessoais, quer sejam de pretensão interesse colectivo...). Como não é valorizado o papel dos simples na redescoberta da essência do amor de Deus, que apela a uma atitude de despojamento dos bens finitos e à valorização dos bens que têm eficácia eterna. A própria vontade e disponibilidade de servir a Causa do Mestre, quando tal acontece na antecâmara do martírio e ins-

pira o refinamento da confiança no devir eterno, não são manifestas.

Isso acontece assim nesta Urbe globalizada porque se veiculam estereótipos de vida feliz, alcançável sob pressupostos reivindicativos de abundância de bens materiais e de bem-estar social, sempre na raia do hedonismo mais radical, ficando para as «coisas do espírito» a distribuição das sobras, também elas inúteis por obsoletas. À semelhança do hardware e do software que envelhecem no próprio dia em que vêm a luz do mundo, ou da ribalta tecnológica, se quisermos, o que é destinado ao convívio interactivo com os outros é de somenos importância porquanto «atrapalha» a descoberta e uso dos bens que embelezam a pele e massajam o ego!...

3. Em boa hora ARM trouxe do «pó dos anos» três histórias de vida, todas numa grande densidade humana e espiritual, capazes de remoçar as almas ainda sensíveis e não totalmente resignadas às exigências dum quotidiano de rotinas que, antes de tudo, visam a satisfação dos interesses imediatos e superficiais.

Está perdida no mundo a esperança de encontrar quem enfrente com o outro as fatalidades da vida para lhe mudar a condição. Soa, por isso, quase como mero aforismo a ideia de que um amigo pode dar a vida pelo outro... até porque os próprios cristãos se secularizaram ao ponto dos rituais do culto servirem exclusivamente como meio de auto-satisfação e apaziguamento dos malefícios da inércia e anemia espiritual...

Não nos parece, assim, por acaso que ARM traga à reflexão dos leitores o pressuposto convivencial sempre presente na reunião dos santos – «em memória de mim». Ele sabe que comemos e bebemos para perpetuarmos os rituais do nosso bem-estar... Não para recordar o acto de substituição, que na primeira história está exemplificado, nem a promessa do regresso do Senhor... Afinal, «todos buscam o que é seu».

Como também não é por acaso a honra que dá a Paulo, que lhe «escreve», em parte substancial, o prefácio! Ah! Como andamos descuidados e temerosos... receamos tudo o que nos possa acontecer! Mas não é esse o desígnio de Deus, que garante a vitória dos salvos, sejam quais forem as circunstâncias, ainda que estas impliquem perseguição, genocídio, martírio... o que for que o inimigo aflija os filhos de Deus.

4. Queremos ainda relevar um aspecto que nos parece importante, sem nos alongarmos. Os protagonistas, digamos assim, que mais decisivamente chamam o sentido moral e espiritual de cada uma das histórias não agem forçadamente, para cumprir um dever de consciência, de cidadania, de lealdade, fidelidade ou outro qualquer. Não. Deram-se voluntariamente por causa do amor maior de que estavam repletos os seus corações – um caiu no campo de batalha em substituição do amigo, outro entregou-se à causa da evangelização pela arte, outro pela palavra, outro deu-se em nome da coragem de reafirmar o senhorio de Cristo...

Deram a vida com um propósito! Integraram a galeria dos heróis da fé, e também merecem integrar o rol «dos quais o mundo não era digno», assunto que ARM desenvolve na segunda parte do seu prefácio.

Nada disso teria importância se, antes, Cristo não tivesse sido o protagonista desse amor maior que é «dar alguém a vida pelos seus amigos»! O propósito, aliás, com que o Pai O enviou dos céus: «dar a vida em resgate de muitos».

Março de 2008
José Manuel Martins

Prefácio

Diz-se, com justificada razão, que, para uma obra literária ter boa aceitação, implica que tenha boa apresentação gráfica e um esclarecedor e válido prefácio.

Quanto à apresentação, deixámos o assunto ao cuidado da editora; no que respeita ao prefácio transcrevemos, em primeiro lugar, o que o apóstolo Paulo escreve na Epístola aos Romanos:

«Que diremos pois a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dos mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? A tri-

bulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia; fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor» (Rom 8:31-39).

E porquê este texto de Paulo como parte principal deste prefácio?

Nele estão, por inferência, incluídos alguns mártires do Cristianismo, homens e mulheres que se deram com o propósito de fazer conhecido o nome de Cristo, sendo o próprio apóstolo um deles, a que podemos acrescentar os exemplos reais que outros, antes de nós, citaram e que voltamos a recordar nesta obra... já para não citarmos os muitos que foram martirizados pela tenebrosa Inquisição e, ainda, para maior realismo, os quantos mártires que se contam entre as crianças que o ímpio rei Herodes mandou matar de dois anos para baixo (Mt 2:16-18), julgando assim atingir, segundo os seus cálculos, a pessoa do menino Jesus, ao mesmo tempo que se cumpria a profecia de Jeremias, fazendo com que todas as mães de Israel gemessem

de dor e sem consolação por causa da ordem daquele monstro, como há tantos hoje que não só matam nas guerras como ordenam que as crianças sejam mortas ainda no ventre de suas mães...

Lembramos ainda a crucificação de Pedro e de dois cristãos especiais que foram crucificados lado a lado. No momento da amargura, um deles, voltando-se para o seu companheiro, disse-lhe: «Coragem, irmão, que nós hoje acendemos uma luz, que jamais se apagará!»

E incluímos neste livro, que colocamos à apreciação dos leitores, aquele texto de Paulo como prefácio ainda pelos seguintes motivos principais: primeiro, porque depois de Jesus Cristo, ele é o maior referencial do Cristianismo; segundo, porque ele era imitador de Jesus Cristo; e, em terceiro, porque Deus o escolheu para ser defensor do Evangelho (Fl 1:16), segundo escreve o meu dedicado irmão e amigo pastor Ciro Sanches Zibordi no seu livro «Evangelhos que Paulo jamais pregaria».

Em segundo lugar, lembramo-nos do que está escrito a propósito dos que sofreram por amor de Cristo, e nisso puseram o propósito das suas vidas: «Dos quais o mundo não era digno» (Heb 11:38).

Não se nega que o Mundo está cheio de pessoas importantes por se dedicarem à investigação e terem feito descobertas importantíssimas, por serem políticos de eleição, por disporem de grandes fortunas

personais, por se destacarem socialmente pelas mais variadas razões. Todavia, nenhuma dessas pessoas ascendeu ao nível da corrente humana ao ponto de se tornar tão superior ao mundo e este indigno delas. São apenas grandes figuras que estão em elevada posição social pelos seus méritos pessoais...

Lemos, porém, na carta aos Hebreus, no capítulo 11, de uma série de homens e mulheres que foram superiores ao mundo e este indigno delas. Pessoas incomparáveis! No entanto, não foram superiores ao mundo, nem dele tanto se elevaram em dignidade pelo uso das práticas que empregam hoje os pretendentes à fama e superioridade social. Não tinham títulos nas suas pastas, não possuíam diplomas nas suas bagagens, não guardavam recordações dos seus feitos nas gavetas.

De tais pessoas se diz apenas que viveram errantes pelos desertos, pelos montes, pelas cavernas da Terra; foram escarnecidos e açoitados; experimentaram cadeias e prisões; foram apedrejados, maltratados, tentados e mortos ao fio da espada. Andaram vestidos de peles de animais para que os animais selvagens os devorassem, desamparados, aflitos e, contudo, o mundo não era digno de tais pessoas.

Não se diz que tivessem inventado nenhum engenho humano, não descobriram nenhum elemento oculto da natureza, nem terras, nem mares, nem oceanos. A maioria deles nem sequer escreveu um livro... e, mesmo assim, o mundo não era digno

deles! Isto é, o mundo não era merecedor destas pessoas.

Porquê? O que fez deles tão superiores ao mundo em que viveram? O que os tornou assim pessoas tão excepcionais, tão superiores? Afinal, que fizeram tais pessoas? A fé! Nada mais, somente a fé. Por isso eles são os Heróis da Fé

E quantos há esforçando-se para alcançar superioridade, porém inutilmente... pois não passam da «cepa torta»! – como costuma dizer o povo. A fé é que torna o homem diferente e superior ao mundo e o eleva acima do nível da humanidade. É neste rol de heróis da fé, no número daqueles de que «o mundo não era digno», que estão as figuras exemplares desta obra. É, na verdade, a fé que habilita o homem a realizar grandes empreendimentos, acima da racionalidade humana. Ela é a força e o poder que os faz uma referência de que o mundo não é digno, por lhe serem superiores...

A fé santifica, justifica, salva, une, enobrece e eleva!

Estamos, portanto, rodeados por uma tão grande nuvem de testemunhas que se tornaram superiores ao mundo, pessoas incomparáveis aos algozes que lhes tiraram a vida ou fizeram sofrer o martírio.

É oportuno lembrar o que está escrito no capítulo onze da Epístola aos Hebreus e, antes ou após a leitura desta obra, pedir a Deus a concessão

desta virtude: vivamos, pois, o seu exemplo de fé e procuremos alcançar a superioridade e dignidade acima dos méritos deste mundo.

«Sem fé é impossível agradar a Deus» (Heb 11:6).

E concluimos com esta oração:

Pai celestial, louvamos-te pelos teus servos do passado que se tornaram tão grandes pela fé.

Ajuda-nos a abandonar aquela espécie de fé traiçoeira que a tua Palavra condena.

Oramos para que, todos os que se confrontarem com os grandes exemplos de fé apresentados naquele capítulo de Hebreus, possam verificar que tais heróis tinham fé mais preciosa que o ouro que perece e ajuda-nos para que sejamos dignos entre os que alcançaram fé igualmente preciosa e não se deixaram aquietar pelas tradições dos seus antepassados que não levaram a parte nenhuma! Ajuda-nos a seguir a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus autor e consumidor da fé!

Amém!

Janeiro de 2008

O autor

CAPÍTULO PRIMEIRO

Dar a vida pelo amigo





Jesus ensinou e o apóstolo Paulo lembrou isso mesmo à Igreja em Corinto: «Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão, e, tendo dado graças, o partiu e disse: isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice dizendo: este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim» (I Cor 11:23-25).

Quão doce é o privilégio que os remidos do Senhor têm de se reunirem para tomarem juntos a Ceia do Senhor com as palavras do seu Salvador ressuscitado soando-lhes aos ouvidos: «em memória de mim»!

Esta é uma história verídica, com a qual pretendemos avaliar o infinito amor de Jesus ao dar a sua vida por nós sobre a horrível cruz do Calvário.

A guerra rebentara violenta, à semelhança de todas as guerras de que temos memória, na bela Itália. Os seus bonitos montes e vales estavam cobertos de soldados mortos e feridos e de famílias desoladas. Dia-a-dia iam chegando notícias cada vez mais tristes, enchendo muitas casas de luto e muitos corações de dor.

Numa casinha coberta de videiras, num dos vales mais encantadores do País, vivia um jovem italiano com os seus pais. A vista que se desfrutava das janelas era maravilhosa: colinas, vales... ali o lindo azul dum lago, mais além os brancos cumes dos Alpes, como num sonho maravilhoso!

Tal era a casa de César Manadi, filho único e mui querido de seus pais. Desde a infância tinha sempre sido a consolação deles; quando pensavam na velhice e nas enfermidades que ela acarreta não sentiam receio do que lhes pudesse suceder. O filho nunca os abandonaria e trata-los-ia na última doença e cerrar-lhes-ia os olhos quando morressem.

Imagine-se, pois, a dor que entrou naquele lar quando a temida lei do recrutamento, que tantos mancebos tinha arrastado involuntariamente para o exército, foi também cair sobre César; e ele, assim como os demais mancebos, teve que apresentar-se nas fileiras militares.

Foi em vão que o seu atribulado pai ofereceu enormes quantias para conseguir um substituto para o filho; foi em vão que ele publicou anúncios

nos jornais, pedindo alguém que pudesse ir para a guerra em vez do filho...

O perigo era muito grande pois não era caso de brincadeira mas de vida ou de morte.

Foi por isso em vão que ele empregou toda a sua influência e boa-vontade para livrar o filho da mobilização para a guerra.

Eram necessários, com urgência, homens válidos e não foi possível livrá-lo por preço algum.

Todos os esforços do pobre pai falharam e, à medida que se iam passando os dias e aproximando-se a hora da separação, o coração de César ficava cada vez mais triste e sombrio.

O mancebo odiava os rumores da guerra e tinha repugnância à vista dos campos de batalha; ele era, enfim, um homem amante da paz.

Não havia outro remédio e, com vontade ou sem vontade, tinha que ir.

Foi com os olhos inundados de lágrimas que observou, defronte da sua casa, o último pôr-do-sol. Possivelmente os seus olhos estavam vendo pela última vez os bosques, vales, lagos e montanhas que faziam parte da sua vida ali, com a família, pois, no dia seguinte, havia ele de estar no campo de guerra integrado no seu regimento. Ele nem queria pensar nisso, mas talvez logo no primeiro dia de batalha o seu corpo já estivesse entre muitos milhares de mortos e a sua alma na eternidade...